

LITERATURA BRASILEIRA DE EXPRESSÃO ALEMÃ
(Coordenação geral: Celeste Ribeiro de Sousa)

HILDA SIRI
1918-2007

(Celeste Ribeiro de Sousa)
2008

O Velho Baú*

Hilda Siri

Há alguns dias, ao levantar a tua tampa para procurar uma peça de roupa usada para um mendigo, quedei-me, imersa em pensamentos, a observá-la, pesada, que sempre me enchia de medo quando era menina, com receio de que me pudesse cair na cabeça. Na parte interna da tampa está escrito em belas letras góticas, gravadas a fogo:

Baltazar von Niebelschuetz
Anna Maria, Niebelschuetzin,
Geborene von Reichenbergerin
1677

Na parte da frente, do lado de fora, está escrito, em caracteres latinos:

* Tradução de Celeste Ribeiro de Sousa e Maria António Hörster. In: Zwanziger, Iris. *Die alte Truhe*. In: *Die alte Truhe*. 2ª ed. Campinas, edição da autora, 2000, p. 23-31.

C. F. Becker
Santa Cruz
Sued-Brasil

A tampa e os lados do baú foram reforçados e adornados com pesadas ferragens e, no ferrolho artisticamente trabalhado, há uma chave imponente.

Desde essa hora, a minha fantasia não mais me deu sossego e muitas e muitas vezes me tenho visto impelida a refletir sobre o longo caminho que percorreste para chegar até mim, e sobre as velhas histórias que a minha bisavó me contava. Ao cair da tarde, depois de ter recolhido as vacas do campo e de se ter despachado do pasto e da ordenha, ficávamos sentadas até o pôr-do-sol, no lusco-fusco do quarto dela, ela numa velha poltrona e eu empoleirada na tampa do baú. Ficávamos conversando e eu escutava com devoção as recordações dela e ela ouvia com paciência tudo aquilo que me passava pela cabeça. É pena eu naquela altura não saber ainda escrever, já que nas suas histórias simples teria ficado registrado e seria transmitido à posteridade um século de história e de cultura da colonização alemã no Brasil. Pois que a "Mutter", a mãe, como todos a chamavam, mesmo os estranhos, chegou aos 94 anos e ainda segurou nos joelhos o meu primeiro filho.

Donde vieste, velho baú?

A madeira de carvalho, de que és feito, cresceu de certeza já na época da Guerra dos Trinta Anos, na Alta Silésia. À sombra das árvores terão descansado soldados mercenários suecos e ter-se-ão aquecido ao fogo dos ramos secos e terão assado javalis no espeto. Poloneses e checos terão passado revista às árvores até o senhor da terra ter selecionado os troncos a abater e entregado ao marceneiro a madeira que haveria de fabricar o baú para o bragal da castelãzinha.

Onde será que estavas, quando ainda eras novinho em folha?... Por certo que num castelo medieval. A jovem castelã, de amplas

saias, corpete justo ao corpo e mangas em fole terá guardado em ti a finíssima roupa de alvo linho, que ela mesma fiou e teceu e, lá bem no fundo, terá escondido uma ou outra preciosidade. Quanta alegria, quanto sofrimento não terás presenciado já na tua juventude? Pois que o troar dos canhões de muitas guerras abalou os alicerces do castelo. Austríacos, Poloneses, Checos, Prussianos e Franceses passaram por aí, saquearam, queimaram, apartaram famílias, mataram e arrastaram tudo atrás de si. Mas tu resististe, sobreviveste a todos, aos cavaleiros e à castelã, aos castelos e aos seus senhores. Tu viste o esplendor e a miséria de muito período romântico. Quanta poeira terá caído de graciosas perucas sobre a tua tampa, quantas saias armadas com arame terão ficado presas nas tuas ferragens, até que a estirpe a quem servias empobreceu e tu foste parar a um leilão?

A partir desse momento, a tua história passa a ser a história da minha família, pois que nesse leilão foste licitado por um tio do meu bisavô. Era um camponês e tu foste transportado para uma casa simples de aldeão nas proximidades de Breslau. Aí ficaste, pacificamente, entre outros móveis rudes, albergaste o rude linho dos habitantes da casa e foste admirado pelas visitas, pois que a tua nobre origem não podia negar-se, era demasiado óbvia. Um dia, apuraste o ouvido, pois era de ti e do teu destino que se falava. Um homem grande, possante, dos seus quarenta anos, entrou no aposento com o filho, um brioso rapaz, e o seu olhar caiu sobre ti.

“Irmão”, disse ele. “Vamos emigrar, a minha mulher, o meu filho e eu. Estou farto de trabalhar sempre em terras arrendadas, quero ser um camponês livre em chão que me pertença.”

“Para onde queres ir?”

“Para o sul do Brasil. Já está tudo encaminhado. O barco de emigrantes vai sair de Hamburgo dentro de dois meses. Agora tenho de entrouxar os meus haveres. Não é coisa de monta. Será que me queres vender o teu baú?” E apontou para ti.

“Leva-o, irmão. É um presente. Ai, queres ir assim para tão longe! Devias ficar conosco. Há-de chegar o tempo em que vais poder comprar o teu próprio pedaço de terra.”

“Durante gerações temos aguardado por isso, mas os senhores da terra não abrem mão de suas posses. Não, não vou continuar à espera. O meu filho um dia há-de ser um grande proprietário. Lá há terra à farta e é tão barata!”

Ele abandonou a terra natal e tu foste com ele. Encheram-te a abarrotar de roupa branca e utensílios domésticos, pratos de estanho e pão preto tostado, sementes e calçado resistente. No cimo de tudo, a Bíblia, um volume com poesias de Schiller e um livro de leituras para crianças. O irmão levou os emigrantes até Hamburgo numa carroça puxada a cavalos. Esta viagem atravessou a Alemanha e cada olhar era uma despedida.

O homem grande e possante, cujo nome se encontra gravado a fogo no teu lado da frente, e o seu filho Augusto eram pessoas festivas, e Augusto ia entoando alegres canções no seu trompete, porque era músico, mas a mãe estava triste. A saudade da terra natal, que não haveria de abandoná-la na nova pátria até o último alento de vida, já então se tornava perceptível.

O barco à vela já estava a postos no porto de Hamburgo. Oito famílias, que nele viajavam, abandonaram a terra em que nasceram, para procurar uma nova. Também tu, velho baú, abandonaste o torrão natal, que alimentou a tua madeira, e seguiste à vela, bem estivado no corpo da embarcação, rumo a um novo país. Não podias ver o mar, e também não podias ver as pessoas que povoavam o barco. Entre elas, também seguia uma moça, uma criatura magra e espigada, de longas tranças louras e um rosto de traços rudes. Mais tarde veio a ser a tua dona. Era Susanne, a minha bisavó.

Ao passar o equador sobreveio uma calma que durante quase um mês inteiro impediu o navio de avançar. Os emigrantes entretinham-se o melhor que podiam e sabiam. Muitas vezes ouvias

ao longe sons de música, porque entre os viajantes havia vários que tocavam instrumentos. As canções divertidas afugentavam muito pensamento sombrio.

A primeira etapa da viagem foi alcançada. Tu ficaste feliz por poder escapar àquele espaço abafado e por ficares sob um céu de azul radioso; olhar para fora, para o largo rio Guaíba e a bela e florescente cidadezinha de Porto Alegre. Nela já havia muitas famílias alemãs, que no comércio e na indústria tinham alcançado prestígio e prosperidade.

O assentamento de São Leopoldo, por essa época, já se tinha desenvolvido e expandido de forma tão feliz, que se tornou necessário fundar uma nova colônia para os emigrantes, que não paravam de chegar. A escolha do governo recaiu sobre a atual Santa Cruz do Sul. Tratava-se de uma região que facilmente se alcançava por via fluvial. Impenetráveis florestas virgens recobriam colinas e vales. Um rio parcialmente navegável, o Rio Pardo, ligava o novo assentamento ao Rio Jacuí, através do qual os navios e as pequenas embarcações alcançavam a capital da província, Porto Alegre, num dia de viagem. A pequena cidade de Rio Pardo, situada na margem do rio do mesmo nome, foi nos primeiros anos o centro comercial da jovem colônia. O assentamento "Faxinal", a atual cidade de Santa Cruz, foi fundada no ano de 1849. A partir daí foram feitas as medições do interior: as picadas do Rio Pardinho, de Dona Josepha e de Santa Cruz.

Viajaste num pequeno vapor com rodas de pás, Jacuí acima, junto com os emigrantes em 1854. Foi uma viagem através de um jardim estranho e selvático. A folhagem das árvores e os cipós floridos pendiam sobre as duas margens até afundarem no rio, borboletas e pássaros desconhecidos voltejavam despreocupados por sobre a água. Prados viçosos, onde pastava gado bravo, revezavam-se com florestas. O silêncio infinito era interrompido pelos guinchos dos macacos, pelo esturro das onças e por outros barulhos inauditos.

A partir do lugarejo Rio Pardo, a viagem continuava a pé até Dona Josepha, o assentamento recém-demarcado. Que força de touro devem ter tido meus antepassados, para te poderem transportar, velho e pesado baú, carregado de utensílios de uma época difícil, através das picadas quase intransitáveis. E tudo tinha de ser carregado, as trouxas, as crianças pequenas; não havia nenhum animal de carga à disposição. E, então, lá estavas tu, velho baú, junto com teus senhores, no meio da floresta virgem, sem um abrigo sobre a cabeça, sem um fogão, frente a uma natureza inimiga. Apenas machados, facas, foices e ancinhos estavam à disposição e braços fortes, e o fogo. O fogo era o único aliado na luta contra o ambiente agreste, contra os horrores e os animais selvagens. Tudo parecia desesperador, opressivo, imponente, e, apesar disso, em muito pouco tempo vocês tinham um telhado sobre a cabeça, embora fosse apenas o de uma cabana. E, já depois de um ano, podiam teus senhores alimentar-se com o produto da primeira colheita. Da luta dos homens lá fora na selva nada podes contar, pois não a viste. Não viste as pessoas serem feridas ou atingidas por árvores que caíam; não viste como os macacos se precipitavam sobre a nova plantação e a arrasavam; - não viste a inundação do rio Pardinho, normalmente tão pequeno, que arrastou os poucos haveres de alguns colonos nas suas águas, tu não viste as crianças mais crescidas cortarem o mato para limpar caminhos, tu não viste o esforço de homens e mulheres para abater os poderosos gigantes da floresta; também as cobras, as onças e os outros bichos continuaram desconhecidos para ti. Também não pudeste admirar o magnífico e horrendo espetáculo do fogo, que deixava as florestas em escombros e cinzas. Também não compartilhaste da esperançosa contemplação da primeira sementeira, brotando da terra coberta de cinzas, por entre os troncos carbonizados. Tu só viste as lágrimas de saudade da pátria, derramadas por minha bisavó, que acariciava com mãos gastas pelo trabalho os preciosos bens da pátria, que tu abrigavas, que ela mais

tarde haveria de mostrar ao filho e aos netos, até que estes também se transformaram em passado. Tu só viste como os homens à noite voltavam para casa, sofridos e cansados, e tiravam do corpo a roupa encharcada de suor. Entretanto, tu chegaste algumas vezes a ouvir, a princípio raramente, o timbre alegre do trompete, a que no domingo se juntavam os sons de outros instrumentos.

Não levou muito tempo e tu mudaste para uma casa nova e firme e, então, passaste a ter uma nova dona, pois o Augusto casou com a Susanne, a moça do navio. Já não era mais magra e desengonçada; a luta e o trabalho tinham feito dela uma grande mulher, forte, desabrochada, uma completa filha da nova pátria, que, no entanto, carregava igualmente consigo o antigo torrão natal na língua que falava, nos seus costumes e nos seus pensamentos.

Era ela a "Mutter". Havia nascido junto ao rio Mosela, em Rachtich, e tinha o espírito feroso e alegre, bem como a aspereza de um vinho do Mosela. Depois do enterro da bisavó no jardim e depois do tempo de luto, tu apenas viste poucas lágrimas, velho baú amado, pois uma nova geração já andava por ali, robusta e cheia de vida, para quem as vítimas dessa terra já eram vistas com naturalidade. Não eram gente grande só por fora, senão também por dentro. Eram gente simples e livre, sem as doenças e psicoses dos nossos tempos modernos, gente ligada à natureza, trabalhadora e zelosa, alegre, amiga de uma boa comida, de um bom vinho, de companhia e de música. E que a musa não seja esquecida, pois minha bisavó, ela mesma, encenava peças de teatro, em que desempenhava os papéis masculinos principais, que lhe assentavam como uma luva, já que ela era alta e forte como um homem. Também fazia poesia e compunha o poema comemorativo por ocasião de festejos ocasionais. Meu bisavô regia uma banda de música, que também atuava em bailes. Todavia, estes prazeres só animavam os dias de festa e domingos. Os dias da semana eram preenchidos com o trabalho no campo e na

floresta e com os animais domésticos. Também os vegetais, a fruta e as flores eram cultivados e cuidados.

Tu poderias contar histórias do trabalho das colonas, se te tivesse sido dado o dom da linguagem. Tudo era feito em casa: fiava-se, tecia-se, tricotava-se, cozia-se pão, depenavam-se patos e gansos, cujas penas enchiam os espessos acolchoados e as cobertas, de que os velhos não se separavam mesmo no clima subtropical.

A mulher precisava ir à roça para plantar e semear. Ela educava as crianças e de passagem executava todos os trabalhos da casa, da fazenda, da horta e do jardim. Ela alimentava as vacas e as ordenhava; ela ajudava a debulhar os cereais e a descamisar o milho; o mel tinha de ser extraído dos favos e os xaropes e as geléias tinham de ser fervidos; a fruta era desidratada e o tabaco desfiado, os porcos eram cevados, abatidos, transformados em salsichas, o toucinho era defumado ou derretido; e tudo o mais que fazia parte de um dia de trabalho.

E, ainda mais uma vez, tu voltaste a ver as lágrimas do desespero; isso aconteceu quando minha avó, a mulher do segundo filho da "Mutter", faleceu durante o nascimento de seu primeiro bebê. Ela morreu de uma hemorragia, porque não havia nenhum médico nas redondezas, muito menos um hospital. Enquanto a sua vida se esvaía, minha mãe entrava no mundo. A "Mutter" contou-me muitas vezes, como tudo tinha acontecido, como haviam sido obrigados a ver morrer a mulher jovem, linda e saudável, sem a poderem ajudar, sem nada poderem fazer, desesperados.

Tu viste a criança robusta crescer, brincar e aprender. Tu a viste com seu vestidinho de confirmação e com seu vestido de noiva. Quantas vezes ela e, mais tarde, seus próprios filhos também devem ter aberto tua tampa e remexido teu interior à procura de misteriosos tesouros escondidos. Como deve ter sido difícil para ela despedir-se de ti, da referência de sua infância, para partir para a nova casa com seu esposo, meu pai.

Lá em cima, na serra, abriram um pequeno negócio e construíram para si e para os filhos uma vida segura, com algum bem-estar. Foi aqui que vim ao mundo, como terceira criança.

Quando fiz quatro anos, conheci-te, velho baú amado.

Num belo dia ensolarado, lá estava a „Mutter“, assim de repente, diante de nossa porta com todos os haveres às costas. Acredito piamente que a sua vinda tenha sido discutida e preparada, mas para mim ela chegara de súbito. Seu marido havia falecido e o meu avô, na casa de quem ela morava, emigrara com toda a família para a Argentina, para “Misiones” (ele casara de novo). Era evidente que ela se mudava para a casa da neta, que havia criado como se sua própria filha fosse. Ali estava ela diante da porta, ainda alta e vigorosa, os cabelos levemente grisalhos, e à volta dela os montes de coisas, que trouxera: uma maleta de latão, um cesto de tampa com plantas de jardim, um alforje e tu, velho baú. Levou tudo para o quarto, que, a partir desse momento, se transformou no ponto central e tranquilo de nossa agitada casa.

A minha mãe ajudava meu pai nos negócios da “venda”, como ainda hoje é de costume no interior e nas cidadezinhas. A venda é uma loja, onde se pode comprar de tudo o que se precisa, desde um arado a um vestido de seda, desde um guarda-chuva a uma foice, desde um jornal a uma agulha de costura. Realmente, tudo. É para lá que os colonos carregam suas colheitas e as trocam por coisas necessárias para a casa. A venda é sempre o coração do assentamento, pois ali se encontram os colonos de todas as partes, ali ficam sabendo de todas as novidades e é ali que trocam experiências. O dono dessa venda, com os empregados e serviçais, constituía, no começo, uma única família, pois esses, a maioria das vezes dormiam e comiam lá.

Não havia, nem oito horas de trabalho, nem feriados, a venda ficava à disposição dos fregueses desde manhãzinha cedo até o cair da noite. É esta venda que está na origem do armazém, que se

desenvolveu no rasto do progresso da cidadezinha, mas de cuja prosperidade minha mãe não chegou a participar.

Quantas vezes, em suas raras horas de vagar, ela se sentou sobre tua tampa no quarto da "Mutter", procurando descanso das contínuas correrias e labutas. Tu irradiavas tranquilidade e paz. Minha bisavó logo assumiu com a maior naturalidade um grande número de tarefas. Passou a cuidar das vacas e a semear a forragem. A horta era para ela o seu mais genuíno reino. Ela plantava tudo o que precisávamos para a cozinha: os vegetais, a mandioca, as batatas e os tubérculos. Tinha um amor imenso pelas flores. Tudo o que enfiava na terra, crescia. Também nos levava a nós, crianças, para plantar e ficava contente de ver nossas mãozinhas pequeninas enterrarem as plantinhas na terra. Ela era nossa segunda mãe.

Nos dias de chuva consertava as roupas ou fazia toalhas de mão de sacos de açúcar e farinha. Nessas ocasiões, ficávamos em volta dela, enfiávamos-lhe a agulha e ouvíamos suas histórias. Quando pensávamos que não nos observava, levantávamos a tua tampa tremendamente pesada e remexíamos o teu conteúdo. Tinhas para nós um encanto muito especial, velho baú amado. Sempre acreditávamos que, bem lá no fundo, ainda deveria haver algo escondido, que não conhecíamos, alguma coisa antiquíssima. Mas tu só abrigavas os pertences da "Mutter". Tudo estava lindamente embrulhado e empacotado em caixas de papelão.

No entanto, nas horas festivas, as mãos da "Mutter" repousavam, e eu nunca mais voltei a ver essas mãos em repouso. Eram grandes e fortes, como as de um homem velho, cheias de calos e rugas, ressecadas pela terra e pelo sol, mas, ainda assim, mãos serenas. Ainda hoje as vejo a escreverem com esforço cartas aos filhos e parentes. Ela já tinha 70 anos, quando aprendeu a escrever, aqui na nossa casa. A partir daí, junto dela, havia sempre uma velha cartilha, onde ela procurava as palavras que não sabia escrever.

Também passou a ler regularmente o jornal, e não havia nada que não se pudesse conversar com ela.

Nas horas de vagar, quando nos sentávamos juntas, contávamos histórias de sua vida e também recitava poemas, conhecia de cor quase todas as baladas de Schiller, bem como trechos de peças de teatro, que eles, em outros tempos, tinham encenado num palco improvisado com uma cortina de panal. As histórias eram todas tão simples, tão singelas, como ela mesma, sem considerações filosóficas, sem análises psicológicas. Tudo o que ela dizia era enérgico, alegre e cheio de vida; nada era afetado, nada era extravagante. Quando recebia notícias de algum caso de morte na família, seu pesar era espontâneo e fundo, nunca arrebatado, nunca exagerado. Ela era uma mulher equilibrada e centrada. Falava da morte com toda a naturalidade e sem medo. Tinha trabalhado tanto a vida inteira, com tanta intensidade havia experimentado a vida com todos seus desafios e alegrias, que não desejava algo mais bonito que um descanso pleno.

Um dia, ao abrir a tua tampa, chamou-me. Eu deveria ter uns 16 anos.

“Presta atenção, filha”, disse ela. “Isto aqui é a minha mortalha”. Retirou peça por peça e mostrou-me: “Quando eu morrer, vocês não precisam perder tempo à procura. Aqui está a saia preta, o casaco, o saiote e a camisa. A camisa ainda vou lavar outra vez, que já está tão amarelada. E aqui há dois lenços pretos, um para a cabeça e o outro para me segurar o queixo. Já vi muita gente velha a quem o queixo cai de maneira horrível. Se me acontecer o mesmo, prendam-no com este lenço.”

Ela falava tudo isto com uma tamanha naturalidade que me deixou comovida, mas de maneira alguma me provocou tristeza. Voltou a colocar tudo nos seus devidos lugares e, curvada pelo peso da idade e pelos pesados fardos da vida, arrastou-se de volta até ao sofá.

Certo dia, enquanto falávamos de tudo, pedi-lhe que me deixasse o baú. Ela concordou na hora.

Agora, pertences-me, velho baú amado. Os vermes carcomeram tua madeira, estás absolutamente poroso e só te resta quase que exclusivamente a casca externa. Agora estás velho e é possível que também anseies por descanso. Servistes a muitas gerações e abrigaste as pequenas coisas que alegram o dia-a-dia.

Agora ficaste sem serventia, já que dentro de tua casca corroída só se podem guardar coisas sem valor. E isso te entristece. Nem a admiração causada pela tua valiosa antiguidade consegue amenizar o teu desgosto. Despretensioso como és, como as pessoas te fizeram, merecias um fim mais útil. Ficaste, porém, cansado e enfasiado com a vida. Serviste à "Mutter", abrigaste sua mortalha, acompanhaste toda a sua grandiosa existência. O que mais te pode oferecer a vida!

Servir à descendente de uma geração forte e trabalhadora, de cuja alegria e de cujo sofrimento partilhaste durante um século. Testemunhaste a ascensão de uma família durante cinco gerações, que através de esforço próprio conseguiu sair da pobreza e da penúria e alcançar prestígio e bem-estar. És para mim uma exortação e me impões o dever de imitar o exemplo de meus avós.

E é assim que tu, velho e carcomido, ainda realizas uma tarefa valiosa, velho baú amado."

(Este baú encontra-se hoje no Museu da Universidade, em Ijuí, RGS.)